

O SER NO ESPAÇO E O ESPAÇO NO SER: O PROTAGONISMO DO EXCLUÍDO

Marco Antonio Fuly (UFRJ)¹

Resumo: Este texto coloca em relevo a relação simbiótica entre o espaço e o indivíduo, em que um exerce influência substantiva sobre o outro. Tal fenômeno, recorrente na narrativa do escritor angolano José Luandino Vieira, aponta para a questão da imagem social das suas personagens e para a relação destas com o seu local de convivência. No geral, subvertendo a tendência ocidental da glamourização da condição financeira das pessoas, a ficção luandina confere visibilidade a elementos socialmente excluídos, sem recursos e marginalizados em Angola. E isso configura-se como uma das marcas da assumida postura combativa do escritor contra o legado que a colonização portuguesa deixou no continente africano como um todo.

Palavras-chave: espaço – indivíduo – resiliência – protagonismo – identidade

Será que há alguém por muito miserável que seja que mereça menos consideração que um cão?


(José Luandino Viera)

O que afirmou Francisco Noa, a respeito da oposição feita à literatura colonial pelas literaturas nacionais moçambicanas, poderá perfeitamente ser aplicado ao mesmo processo que ocorreu no espaço literário angolano. No artigo intitulado *Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso*, o referido pesquisador disse

que as literaturas nacionais, e no caso concreto de Moçambique, na sua emergência e afirmação encontram-se em rota evidente de colisão, portanto, em processo de negação e de ruptura com a portugalidade manifesta dos textos coloniais (NOA, 1999: p. 60).

A literatura colonial, conta-nos ainda Noa, “acaba por ser ou co-actuante ou consequência de um fenômeno que tem subjacentes motivos de ordem psicológica, social, cultural, ideológica, estética, ética, econômica, religiosa e política” (p. 60). No conjunto, todas estas orientações espalharam-se por um modelo de literatura que retratou o elemento africano, em particular o negro, como alguém destituído de civilidade. Logo, sem capacidade de portar os valores culturais do homem branco europeu. Na literatura colonial, a África é um lugar distante, incivilizado, exótico e habitado por uma subespécie de humano. Na citação atribuída a Augusto dos Santos Abranches, a qual Noa destaca no mesmo artigo, esta literatura é entendida como aquela “que pretende contar

¹ Doutorando em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UFRJ. Contato: marcofuly@gmail.com




as reacções do branco perante o meio-ambiente do negro”. Conforme Manuel Ferreira (1986), nessa modalidade de literatura, o “branco é elevado à categoria de herói mítico, o desbravador das terras inóspitas, o portador de uma cultura superior” (p. 14). Este estudioso das literaturas africanas de expressão portuguesa aprofunda bastante esse tema. Segundo ele,

a literatura colonial define-se essencialmente pelo facto de o centro do universo narrativo ou poético se vincular ao homem europeu e não ao homem africano. No contexto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalisticamente e, quando tal acontece, é já um avanço, porque a norma é a sua animalização ou coisificação (FERREIRA, 1986: p. 14).


Daí que o surgimento das chamadas literaturas nacionais – não só em Moçambique, mas também em Angola –, se realiza quase que em resposta àquele contexto, mas não totalmente restrita a isso, construíram-se em “processo de negação e de ruptura com a portugalidade”. Entendido de outra forma, estas literaturas impuseram-se também como remissoras dos valores culturais africanos. Colocaram, portanto, “o meio-ambiente do negro” no primeiro plano da cena literária.

O escritor angolano Luandino Vieira observou minuciosamente a solidez do *meio-ambiente do negro* em seu país. Diga-se de passagem, em Angola, a cartografia desse espaço responde pelo nome de musseque. Trata-se de um local o qual, na dinâmica social do povo angolano, alicerça-se como matriz identitária e guardião da memória ancestral da cultura africana. Nesse topônimo se concretiza a íntima relação homem/espaço. Podemos entender melhor essa relação nas palavras de Mônica Velloso (2003): “A territorialização aponta para a especificidade, revelando como o homem entra em ação com o meio imprimindo nele as suas marcas. A ideia de território está estreitamente ligada à questão da identidade” (p. 92). Portanto, o musseque é um espaço de resistência, noamente falando, à *portugalidade* dentro do mundo do negro; ou seja, uma resistência que se estabelece no ambiente do ente colonizado. Parafraseando Abranches, e guardada a devida proporção do trocadilho, a narrativa luandina se estabelece como reação do negro *perante o meio-ambiente do negro*. Ela negou assuntosamente o que Ferreira entendeu nas suas pesquisas como “aplicação do ponto de vista colonialista [que tinha] no europeu o agente dinâmico e não o opressor” (FERREIRA, 1986: pp. 14-15). Não obstante, Luandino Vieira inseriu na pauta literária



a experiência de vida do mesmo homem que foi anulado como um ser na pauta da literatura colonial. Na sua obra, aquele ser da exclusão deslocou-se do submundo da miserabilidade e do apagamento social impostos pelo sistema e alçou-se à condição de protagonista. Do ponto de vista ideológico — bem como: histórico, social, cultural, tradicional e humano — o colonizado angolano, em Luandino Vieira, tem uma história interessante que merece ser contada e protagonizada pela literatura. Mesmo que este ente esteja na categoria da exceção; ou que seja ele um excluído entre seus pares, como veremos nas questões que se referem à loucura.

No âmbito do protagonismo do excluído, passemos então a nos ocupar, a título de exemplificação, com três momentos em que a loucura ocupou espaço na narrativa luandina. Embora não haja aqui o intento de tecer um estudo aprofundado a respeito desse assunto, observamos que na pauta literária de José Luandino Vieira o indivíduo acometido da loucura constitui-se como um ente diferente e, por isso mesmo, é tomado como tal pelos seus pares. De um modo geral – e raramente deixa de ser assim –, o louco desperta medo. E, conseqüentemente, a sua presença gera repulsão ou, mais raro, desperta comoção. Verdade é que encontrar caminhos para a convivência com o indivíduo desprovido de suas faculdades mentais, o louco em si, é um desafio angustiante, mesmo para pessoas cujo ofício é lidar com ele. O louco, numa perspectiva mais filosófica, é alguém que se encontra distanciado mentalmente dos desígnios da dita sociedade normal. Pode-se dizer que é um indivíduo que transita em um mundo à parte, sem conexão, ou raramente conectado com o mundo natural. Isto nos leva a concluir que, a despeito do ambiente sociocultural, a loucura sempre se mostrou algo estranho de se entender, de se conviver e, por extensão, estranho de se lidar. Neste sentido, enquanto fenômeno universal, trata-se de uma patologia de difícil explicação; mas que, ao mesmo tempo, apresenta-se sedutoramente tematizada pelas obras literárias. Grandes escritores se ocuparam dela, e algumas personagens se notabilizaram por estarem acometidos por ela. Na condição de doença, a loucura, ao lado da esquizofrenia e de outras doenças de natureza psíquica, tem encontrado terreno fértil na construção artística. Michel Foucault diz que em “uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição” (FOUCAULT, 2005: p. 9). Talvez por isso, a considerar o




aspecto da exclusão alencado por Foucault, o tema da loucura não foi suprimido em Luandino Vieira.

O autor, de certa forma, além de aprofundar mais esse tema dentro da literatura africana de expressão portuguesa, oferece a seu leitor perspectivas diferentes daquelas que até então nos acostumamos a encontrar no conjunto de sua obra. Na verdade, com a inserção dessa pauta na narrativa luandina, muita coisa muda. Ao tematizar a loucura, o escritor dimensiona a nossa análise para uma pauta incomum e sugestiva. Até então, discutimos com ele temas diversos: estética, estilo, linguagem, colonialismo, política, história, infância, musseque, amor, inquietação, angústia, velhice, cidade, país e outros. A loucura é, portanto, surpreendente. O primeiro lampejo se dá no conto *A Cidade e a Infância*:


Depois uma casa de pau-a-pique com telhado de zinco onde morava a Talamanca, aquela mulata maluca que fazia as brincadeiras da miudagem com pedradas e asneiras, quando eles lhe saíam à frente puxando pelas saias e gritando Talamanca talamancaéééééééé (CI, p. 48)

Nesta citação, a loucura não oferece nada de representativo, é tão-somente um tema vago. Sem grande profundidade, o narrador-personagem, em pleno exercício de visita ao passado, leva para a cena literária as peripécias de sua infância. É então que ele relembra uma tal “mulata maluca” que atendia pelo nome (ou apelido) de Talamanca, a qual, pelo seu estado de insanidade mental, era alvo da chacota da *miudagem*. Esta é a única citação sobre a personagem, demonstrando claramente que se trata de um episódio isolado, sem nenhum acréscimo à estória que está sendo narrada pelo protagonista. Zinho a menciona sem relatar grandes detalhes, o que confirma o postulado de que JLV não explorou esse assunto com a mesma profundidade com que tratou outros temas dentro dessa obra, apesar de tratar de uma personagem que reúne em si três paradigmas de exclusão: é mulher, é mulata, é maluca. Em princípio, a importância se dá tão-somente na citação de uma loucura apontada por meninos, em tom de brincadeiras de crianças. Por outro lado, assim como a miudagem que a toma como alvo de suas peripécias, Talamanca parece livre e desprendida.

Com a loucura da personagem sô Augusto, em *Nosso Musseque*, o enfoque é diferente. O primeiro ponto a considerar é o fato de que se trata de um homem que era




normal, trabalhador esforçado, chefe de família e que fora demitido após a chegada do filho do patrão. Este rapaz havia mudado para Portugal para estudar engenharia elétrica. Logo que se formou, retornou para Angola e empregou-se na empresa do seu pai na função até então ocupada por sô Augusto. A partir deste episódio, o antigo empregado mergulhou num processo de insanidade passando a falar sozinho e a delirar. Pior ainda, é que o seu declínio social foi acentuado. A narrativa dá conta de que aquele que era um funcionário dedicado e homem honrado passou a reles transeunte delirante. Tornou-se um louco! O narrador nos mostra o deslumbre e o apogeu que esta personagem, sô Augusto, experimentou no passado. Foi um tempo em que este senhor gozava de prestígio social e inegável afeto dentro da família e diante dos moradores do musseque. Assim a narrativa dá conta de que, quem “não lhe tivesse conhecido antigamente não podia acreditar logo que Augusto João Neto tinha sido encarregado geral da electricidade, na grande oficina lá em baixo, no Bungo, onde já existia muito tempo” (NM, p. 69). Era um homem respeitado e admirado por todos naquele local. Sá Domingas lembra: “Aiuê! Quem lhe conheceu... O patrão até vinha lhe trazer no carro, mana! De carro, cá em cima! O rapaz estava trabalhar no Bungo...” (NM, p. 68). Casado com Nga Xica, que também era notória no tempo em que seu marido estava em alta, digamos assim. Entretanto, falando do seu atual estado, o narrador recorda: “... nga Xica, agora magrinha e feia, bessangana bonita como era nos seus tempos de rebitas e massembas” (NM, p. 68). O afeto de outrora transformouse em tensão no momento em que sô Augusto foi demitido por conta da chegada do filho do dono, um engenheiro, que veio tomar conta da oficina. Deprimido, entregou-se à bebida e mergulhou a família na miséria social, a ponto do narrador observar que “a diferença entre Augusto João Neto de antigamente e sô Augusto de agora era tão grande que a gente não acreditava” (NM, p. 69). Esta personagem foi vítima de um processo excludente que se deu em Angola motivado pela chegada de novos colonos. Muitos destes, possuidores de capacidade técnica, quando não diplomados, foram, por força da circunstância, tirando os espaços dos negros do mercado de trabalho, como aconteceu com sô Augusto. O resultado disso foi o aumento do contingente negro na marginalização e a contribuição para o pensamento de que o autóctone angolano não tinha condições de executar tarefa laboral de maior complexidade. Ora, na esteira de um processo de colonização que precisava alocar o colono português nas terras africanas, a manutenção do mito de que a sua



capacidade técnica era superior a do negro favoreceu a ocupação dele nas funções de maiores relevâncias. Sô Augusto é uma personagem através da qual Luandino Vieira denuncia o quanto ficou inviável ao colonizado a possibilidade de ascensão sócio-econômica no período colonial; pior ainda, como vimos, é que aqueles que estavam ocupados no mercado de trabalho e dele sustentavam suas famílias, foram deliberadamente substituídos e jogados, por assim dizer, na informalidade.

Luandino Vieira nos mostra outra personagem que transita pelo espaço da loucura, a menina Tété. Ela mesma se apresenta: “Sou a senhorita Tereza de Sousa...” (p. 117). O narrador também a apresenta, mas inclui um adjetivo que será determinante dentro da trama: “A Teté, a louca, a verdade essa era” (p. 118). E traz uma informação emblemática à linha que estamos analisando: “Mas era só uma criança – dos dez aos doze, pé descalço, o dedo na boca ainda que trazia” (p. 119). Assim, o leitor passa a ter um quadro completo a respeito de quem é essa personagem. Trata-se de uma menina, filha de Damasceno de Sousa Neto que, diferente do restante das crianças presentes, tem voz dentro da narrativa, embora não se encontre portadora da saúde mental. O narrador utiliza-se de um tom enfático ao se referir ao seu estado psíquico: “a louca, a verdade essa era”.

Tété entra na cena literária já no final. Tudo já tinha acontecido: chegada dos convidados, apresentações, discursos de Damasceno, berros de dona Antónia, leitura de poesia, comes e bebes, desavenças políticas, presença da autoridade policial, cantorias, brincadeiras de criança, agitos na cozinha e algumas coisas a mais. Dentro da perspectiva da condução do enredo, a despeito da ausência da trajetória linear, como já apontamos anteriormente, as situações abordadas caminhavam para o desfecho, sem grandes novidades. Até então, o que se esperava da narrativa de Luandino Vieira vinha se cumprindo: hibridismo linguístico, não-linearidade da narrativa, atemporalidade e polaridade temática (tradição x modernidade; infância x adulto; idioma kimbundo x idioma português; presente x passado). Nada tão significativo que já não tivesse presente em outras obras desse autor. E, por isso mesmo, a presença de Teté revela-se surpreendente. Não por ser ela mais uma personagem representativa ao espaço da infância, objeto da análise. Mas, sobretudo, pelo que ela representa com seu atributo: ela é louca, “verdade essa era”, enfatiza o narrador.




Em *Estória de Família*, voltando à festa de casamento de Jinga e André, em meio a comes e bebes, idas e vindas, falas e cantorias, a menina Teté surge de um modo desconcertante entre os conviviais. Ela se põe na cena literária da seguinte forma: “pé descalço”, “cheiro de urina”, nada arrumada para a festa. Era alguém que, de fato, não poderia estar ali naquele momento tão solene e intimista. Transfigurado ante “a rota e descalça filha louca, a poeira sacudida de seus pés, coroa e grinaldas de flores gentias” (p. 128), Damasceno ordena que a agarrem. Neste momento, “o ar se enche de gritos e berros, corridas, cerca-cerca, tilinto de copos” (p. 128), um tumulto sem dimensão. Todos se empenham em deter a louca. O Narrador assim descreve a cena:

Confusão; ordens, contra-ordens. Chovem detritos – cascas; ossos; espinhas; cascabelho de dendéns, é uma chuva de fogo sobre as nações em debandada. E cobrindo tudo a trombeta do anjo: “Suruuuucuuuuu...” Pânico: são pedras e vidros – voam pratos, copos, os estilhaços cravam-se na pele do vento, tropear de sapatos calçados (p.129).

Como se vê, a loucura configura-se como elemento desestabilizador de um cenário que apresentava relativa harmonia. Apesar de alguns atritos eventuais, como o agito das crianças, a tentativa de prisão por suspeita de insurreição política, as discussões linguísticas em torno de palavras do português e do kimbundo e outros eventos pontuais, nada se compara ao que se deu com a chegada de Tété, a menina louca: “confusão” e “pânico”, “é uma chuva de fogo sobre as nações em debandada”.


Em seu artigo intitulado *O Tema da Loucura na Literatura, na Pintura e no Cinema – três diferentes perspectivas*, Fernanda M. Vicente (2012) escreve que a história da percepção da loucura traçada por Michel Foucault revela que a atitude da comunidade e da sociedade para com os loucos não se alterou com a passagem do tempo (1994: p. 129). Os loucos, como outrora os leprosos, são excluídos da sociedade, encerrados num espaço para não perturbarem a ordem.

A outra face dessa loucura em *Estória de Família*, pode ser entendida como o olhar conclusivo de José Luandino Vieira sobre os rumos que o processo da pré-independência estava seguindo. Assim se deu a Tété, encerrada em um espaço para não perturbar a ordem. Em meio a tantos gestos protocolares que o contexto do evento sugeria, a loucura não tinha espaço, estava enfadada, como percebeu Foucault, a uma exclusão que “não se alterou com a passagem do tempo”. *Estória de família*, com a



inserção desse tema, aponta o quanto a sociedade moderna africana se encontra moldada à cultura ocidental de isolar e reprimir aqueles que se encontram destituídos de uma orientação mental saudável. Naquela festa “de pedido”, com muitos convidados, que “virou lição etnografológica para brasileiro ver”, todas as estratificações sociais de Angola estavam representadas. Do assimilado Damasceno ao poeta revolucionário Tomás Dias Gomes, das ativas velhas cozinheiras à isolada anciã Dona Antónia, da “Ala-dos-namorados” festivos à noiva chorosa Jinga, da mestiça Olga ao “preto-claro” Guilhermino, é possível caracterizar cada elemento representativo da formação etnicocultural do país. Mais ainda, o policial Beltrão, os brasileiros Belchior e Alfa, os músicos congolenses e alguns “descendentes dos lusos”. Todos no mesmo espaço se entendendo, ou buscando se entender de alguma forma. A menina louca neste cenário é mais uma vez a utilização do espaço da infância por parte do autor para afirmar que esse clima de festa encontra-se psicodélico em demasia, necessita-se reorientar a trajetória. Mas naquele ambiente de folguedo e euforia quem poderia insurgir-se como porta-voz da consciência senão uma louca? Ou seja, exatamente aquela que, como as crianças, não tem compromisso com as rédeas alienantes do sistema. Tété é o símbolo da reivindicação autêntica da liberdade, sem a sutileza de uma falsa tolerância. Não era tempo de festejar, era tempo de romper. E com este endurecimento ideológico, alimentado pela sua condição escritor de encarcerado, que via por de trás das grades, os equívocos de uma política de enfrentamento que precisava de ajuste, que Luandino escreve o último notório ato da loucura de Tété: “E só então, humilhada e muda, como quem esmola recebe, caga nas mão em concha – e asperge essa bênção excremental na estúpida face do pobre mundo outra vez em fuga” (p. 131).


Ou seja, é preciso ouvir a Dona Antónia, a tradição, a memória; é preciso dar voz às crianças, o futuro, a liberdade; é preciso rever as alianças, os pactos, os acordos; é preciso entender a loucura, os caminhos, as limitações. É preciso romper com a estupidez para não que na seja necessário fugir outra vez. Dessa forma, Luandino em *Estória de Família*, mostra o que de fato estava ocorrendo em Angola nos últimos períodos da pré-independência. Apesar da guerra, deflagrada a partir da segunda metade da década de 1960, havia a urgência de se pensar o que seria da nação com a mudança do regime. Quais eram os projetos a serem viabilizados quando a nação efetivamente estivesse livre e dona de seu destino. A festa que trouxe convidados e afetos é o marco



simbólico de que o frenesi circunstancial estava a ofuscar uma realidade que precisava ser pensada com seriedade e compromisso. Um dia Jinga e André casam, a música cessa, os convidados se retiram, o evento chega ao fim; o que se faz no dia seguinte? De maneira ilustrativa e irônica, Luandino está procurando mostrar que é loucura não interromper a euforia naquele momento. Tété, na perspectiva dos presentes ao evento, é aquela que precisava ser detida, tolida, cerceada, silenciada; é a louca. Detendo-a, o clima de folguedo e euforia se restabeleceria; sua presença incomoda, provoca malestar, desestabiliza. No entanto, é justamente ela, a louca, que se põe ao alto, de onde consegue enxergar a todos; põe-se ao alto, de onde passa a ser vista por todos. A loucura se torna o epicentro o qual, estrategicamente o autor lança o seu questionamento a um futuro que estava por vir. A retirada do sistema colonial era ponto pacífico, a mobilização revolucionária construía isso e a vontade do coletivo angolano apontava para essa direção; a construção de um projeto pós-pátria livre era a necessidade sinalizada nesta obra literária em questão. Luandino Vieira intenta assim questionar o modelo de história e de identidade angolana que viria a se consolidar com a independência do seu país. Na festa, à exceção da senhora Dona Antónia, que seguia seu sossego entre sono, sonhos, visões e resmungos na sombra de uma mandioqueira no fundo do quintal, todos buscavam represar a louca com suas loucuras. Entretanto, cabe aqui o adeno, não é intenção deste artigo enveredar-se em conceito a respeito de como a sociedade africana lida com esse tema. Sem dúvida, quaisquer afirmações nessa direção seriam colocadas em questionamento, visto que demandariam análises mais detidas e, conseqüentemente, desviariam o foco do trabalho.

Estória de Família é o claro descontentamento de um escritor que testemunha a história de seu país; não só isso, também está empenhado em torná-la legítima e com fim proveitoso aos anseios do seu povo, capaz de se tornar dono de seu próprio destino. O que fica claro, com esse episódio, é que Luandino Vieira sugere ser uma loucura o excesso de ufanismo que pairava sobre a sociedade de Angola sem considerar as complexidades que envolviam a estruturação e consolidação de uma nação livre e soberana.

E assim, rompendo com a utopia derivante daquele mover histórico, vem a constatação fatídica de que, apesar de tudo, tratava-se de um “sábado da era do senhor dos exércitos, das crianças e dos loucos – a vida continua” (p. 131).



Outra representação marcante na narrativa de Luandino Vieira é a figura do velho. Este que é o guardião da memória ancestral africana ganha visibilidade em várias obras do autor, como passaremos a averiguar.

No conto *Estória de Família* é-nos apresentada Dona Antónia de Sousa Neto: “*vocência sem favor. Vem dos tempos do antigamente, lá onde a bela quindumba e os panos traçados fazem o sol na mussemba...*” (p. 75). Reivindicando a tradição gerontocrática pela qual se conservam as matrizes culturais da sociedade angolana, esta personagem em muitos momentos chama a atenção dos convidados com seus berros e palavreados proféticos. As suas intervenções mostram a maneira elegante de Luandino denunciar a importância de se prestar atenção às origens, às tradições que imprimem a identidade angolana. “*Só que, nesta hora, desterrada da história, deixa embranquecer os cabelos e sonha à sombra murcha dos anos*” (p. 75). Em meio aos agitos do mundo moderno, esta senhora fica distante, debaixo de uma mandioqueira, praticamente despercebida. Ela é o símbolo depreciado desta nova sociedade que se afasta das suas raízes atendendo aos ditames dos valores coloniais, que trabalha arditamente pelo apagamento da identidade africana.

Referências bibliográficas

- FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *A história da loucura: na idade clássica*. (Trad. : José Teixeira Coelho Neto). São Paulo: Perspectiva, 2005.
- NOA, Francisco. *Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso*. São Paulo: Revista Via Atlântica (USP), nº 3, dezembro, 1999.
- VICENTE, Fernanda Monteiro. *O TEMA DA LOUCURA NA LITERATURA, NA PINTURA E NO CINEMA – três diferentes perspetivas*. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12141.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2015.
- VELLOSO, Mônica. *As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro*. In SÜSSEKIND, Flora (Org.); DIAS, Tânia (Org.); AZEVEDO, Carlito (Org.). *Vozes femininas: gênero, mediações e práticas de escrita*. Rio de Janeiro: 7letras/Fundação Casa Rui Barbosa, 2003.



VIEIRA, José Luandino. *A Cidade e a Infância: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VIEIRA, José Luandino. *Nosso Musseque*. Lisboa: Ed. Caminho, 2003.

VIEIRA, José Luandino. *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*. Lisboa: Edições 70, 1991.